

PARTE V

INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta parte do trabalho será dedicada à interpretação e discussão dos resultados obtidos, tendo por base os aspectos mais relevantes da apresentação dos dados, de forma a poder com os conhecimentos adquiridos na compilação da revisão da literatura, salientar os factores que permitam a obtenção dos objectivos propostos neste trabalho.

1. ANÁLISE DO TEMPO DE JOGO

1.1. Relação do TUJ e TNJ

Face aos resultados obtidos é possível constatar que, os jogos observados têm em média 56,8% do tempo de jogo consumido pelas interrupções momentâneas de jogo a que denominamos TNJ, restando apenas 43,2% de jogo jogado (TUJ) (quadro 6), sendo também de referir que, apenas no J3 o TNJ foi inferior ao TUJ (quadro 4). Embora estes valores que acabamos de referir sejam referentes aos 4 jogos observados, não deixam de ser alarmantes pois constituem uma séria ameaça para qualidade do espectáculo do futebol.

Estes resultados quando confrontados com obtidos por Korcek, no estudo de 34 jogos do Campeonato do Mundo realizado em Espanha, verifica-se uma grande diferença nos resultados, uma vez que, este autor apresentou valores de TNJ na ordem dos 26 minutos e 39 segundos, o que equivale a 37,7%, feitas as contas, existe uma divergência de quase 20% a mais de TNJ no presente estudo. Apesar das características de competição de um Campeonato do Mundo serem completamente diferentes, pois é lá que estão a maioria dos melhores jogadores do mundo, por ser uma competição que tem a duração aproximada de um mês e dos valores apresentados por este autor poderem não estar muito actualizados, devido às mais variadas evoluções que o jogo de futebol sofreu nas mais diversas áreas num espaço

de tempo superior a 20 anos, parece-nos que estas razões não são suficientes para explicar valores tão distantes como já verificamos.

Devido à escassez de dados recentes no que diz respeito ao TUJ/TNJ, também na revisão da literatura apresentamos uma breve análise aos 153 jogos realizados durante a 1ª volta do Campeonato da I Liga Portuguesa na época 2002/03 (Anexo II), onde verificamos que a taxa de TNJ era de 51,1% nesses jogos, o que nos leva a constatar mais uma vez que o TNJ nos 4 jogos observados é superior aos registados nos restantes jogos na I liga portuguesa, o que nos pode levar a pensar, que os jogos entre as 4 principais equipas do futebol português apresenta uma tendência para obter baixas níveis de TUJ, e desta forma inferir que a qualidade do espectáculo é medíocre nos chamados jogos grandes.

Em ultima análise, a superioridade que o valor de TNJ obtidos no presente estudo relativamente a estudos idênticos, leva-nos a pensar que as situações de anti-jogo parecem estar na origem de tão baixo aproveitamento do TJ, como poderemos confirmar mais à frente.

2. CARACTERIZAÇÃO DAS SJ DE TNJ

2.1. Quanto à frequência das diferentes IJ

No que concerne frequência das SJ que concorrem para a existência de 56,8% de TNJ verificados no nosso estudo resultam de 643 IJ observadas o que dá uma média de 160,8 IJ em cada partida. Este valor médio de IJ quando é dividido pelo TJ diz-nos que existe uma IJ em cada 36,3 segundos jogados, o que é bem ilustrativo do exagerado número de IJ, e do carácter descontínuo que apresenta a dinâmica do jogo.

Realizando uma analogia entre os dados obtidos neste estudo com os obtidos por Castelo (1986), onde constatou que existiam mais de 120 períodos de interrupções momentâneas de jogo, verificamos que embora o nosso estudo confirme essa premissa, fá-lo de uma forma muito significativa, ou seja, ultrapassa em 40 IJ o valor apontado por esse autor. O jogo 3 foi o que mais se aproximou das 120 IJ enunciadas por Castelo, ainda assim, superou este valor em 26 IJ.

No que diz respeito à frequência das SJ que contribuem para o TNJ (Tabela 15), constatamos que os LL com 38,3% e as F destacam-se 35,8% do número total de IJ observadas, são as causas principais de tão elevados valores de IJ. Com valores bem inferiores estão os PB (11,2%) e PC (7,0) que fecham o subgrupo das SJP.

No caso concreto das F que são assinaladas sempre que o árbitro entende que os jogadores desrespeitam as leis de jogo, o seu elevado número só se justifica pelo facto de como havíamos referido anteriormente, as punições previstas nos regulamentos ainda não serem suficientemente punitivas para as equipas e os jogadores que as provocam. Embora não se tenham verificados condutas ditas violentas, uma vez que essas a lei regulamenta e penaliza quem as pratica, pensamos que a utilização do anti-jogo é a principal causa do elevado número de faltas, que por sua vez deriva da permissividade da lei, do critério demasiado apertado dos árbitros e por sua ultimo da atitude que os jogadores têm perante a lei, tentando sempre tirar partido das suas lacunas ou omissões.

No outro subgrupo, o das Situações de Jogo Secundárias (SJS), verificamos que as S apresentam o maior valor com 2,8%, seguem-se os FJ com 2,6%, AM com 1,4% e por ultimo, as situações de G representado apenas 0,9% do número de IJ observadas.

Ao compararmos estes valores obtidos com os obtidos por Ortega (2000) aos 7 jogos dos quartos de final até à final do Mundial de França realizado no ano de 2000, portanto um estudo recente embora, em circunstâncias competitivas bem diferentes, constatamos que os valores de ambos os estudos apresentam muitas semelhanças se não vejamos a Tabela 32 que compara os valores.

SJ PREVISTAS	ESTUDO DE ORTEGA (%)	PRESENTE ESTUDO (%)
Lançamento Lateral	34,7	38,3
Falta	29,9	35,8
Pontapé de Canto	9,39	7,0
Pontapé de Baliza	15,2	11,2
Fora-de-Jogo	5,7	2,6
Substituição	2,1	2,8
Golo	2,0	0,9
Assistência Médica	Não contemplou	1,4
Outras Situações	2,1	0

Tabela 32 – Resultados Obtidos nos dois estudos

Como facilmente constatamos, os resultados dos estudos são muito similares, basta ver que nas SJP a ordem dos LL, F, PC e PB é a mesma e com valores não muito distantes, havendo uma ligeira superioridade dos valores apresentados pelos dados do presente trabalho. Nas SJS apesar dos valores apresentados por ambos os estudos não se contrariarem, existem diferenças quanto à ordem de importância das SJ previstas. O valor que mais diferem nos estudos são o dos FJ que representam 2,6% e, no estudo de Ortega essa percentagem é superior ao dobro (5,7%). Deveremos também referir, que Ortega não contemplou no seu estudo a SJ AM mas, teve em uma outra, denominada “Outras Situações” onde provavelmente estão incluídas as situações de AM.

Para terminar vamos arriscar o seguinte pensamento: “*Os valores apresentados pelos dois estudos indicam que os jogos observados por Ortega, são em termos de qualidade de espectáculo superiores aos observados neste estudo*”. e passamos a fundamentar o nosso pensamento.

Os valores que indicam a existência de anti-jogo (F e LL) são superiores no nosso estudo, enquanto que os indicadores de PC, PB, FJ e fundamentalmente de G, são superiores no estudo de Ortega e sugerem que nesses jogos existiram mais PC e FJ porque as equipas atacam mais jogando mais tempo nas áreas próximas das

balizas, verificaram-se mais PB porque as equipas rematam mais à baliza, tendo assim maiores possibilidades de marcar mais G como constatamos através dos dados.

2.2. Quanto ao tempo das diferentes IJ

No que diz respeito ao tempo gasto pelas IJ nos 4 jogos observados (tabela 16), verificamos que o domínio que o domínio repartido que as SJ de LL (38,3%) e de F (35,8%) exerciam quanto à frequência de IJ, é literalmente desfeito em favor das SJ de F, como se pode facilmente concluir através dos 46,3% das mesmas, contra 23,1% de LL. Esta diminuição do peso que os LL têm no TNJ e o aumento da importância das F, é explicada pelos valores médios de duração das IJ, que nas F é de 26,8 segundos e nos LL apenas 12,5 segundos.

Os valores que registados para as reposições de bola são efectivamente muito elevados, o que vem reforçar o que já havíamos dito na revisão bibliográfica, a propósito de na legislação não precisar o tempo máximo para os reinícios de jogo após reunidas as condições necessárias para o efectuar, ficando ao critério do árbitro verificar se os jogadores estão a praticar anti-jogo através da demora no reinício da partida ou não.

Relativamente aos PB e PC, estes continuam a ter valores muito aproximados aos registados na frequência, o que deriva da aproximação dos TM de duração de cada uma destas SJ, ou seja, 21,5 e 21,8 segundos respectivamente. Uma tendência que também constatamos é o facto de as duas SJ com menores percentagens no índice de frequência, serem as que apresentam uma maior morosidade, estamos a falar das AM e G que demoram respectivamente 58,6 e 57,2 segundos a reiniciar a partida. Na situação inversa encontram-se os LL que apresentam o maior valor de todas as SJ quanto à frequência e nos TM são os que têm menor tempo (12,5 segundos).

Apesar dos LL se apresentarem como as IJ menos morosas, verifica-se que superam largamente o tempo necessário para efectuar o gesto de reposição da bola em jogo. Depois de o jogador ter a bola na sua posse a maioria das vezes demora imenso tempo a reiniciar em jogo devido fundamentalmente às limitações que o lançamento da bola com as mãos implica em termos de distância.

2.3. QUANTO À DISTRIBUIÇÃO NO TEMPO DAS IJ

2.3.1. Distribuição por PT das IJ

Através da análise dos nossos resultados no que respeita a este ponto (tabela 17), observamos uma homogeneidade bastante grande quanto ao número de IJ verificadas nos intervalos de tempo de 15 minutos, embora exista uma ligeira supremacia dos três PT que pertencem à 1ª parte do jogo, o que resulta do maior número de faltas na 1ª parte em relação à segunda. Do nosso ponto de vista, a homogeneidade apresentada pelo número de IJ nos PT, deriva da heterogeneidade e especificidade de cada jogo, visto que, a mesma homogeneidade na distribuição das IJ por PT, não se verifica nos jogos individualmente. Portanto, em nosso entender, estes valores têm maior significado quando analisamos jogo a jogo e não tanto na globalidade.

Apesar de não podermos retirar ilações muito significativas neste ponto, estes valores vão ter um ganhar um significado quando cruzados com os resultados obtidos nos mesmos PT quanto ao TNJ em cada um deles, como veremos mais à frente.

Antes de passarmos ao ponto seguinte, entendemos fazer uma breve referencia para os resultados que foram obtidos nos PT de DT, nos quais verificamos que DT2 apresenta o dobro de IJ relativamente a DT1, facto este que não é explicado na sua totalidade pelo maior número de minutos em DT2, mas também por as equipas que se encontram em vantagem no marcador recorrerem com maior frequência ao anti-jogo.

2.3.2. Parcial de TNJ em cada PT

Neste ponto verificamos que o facto de um PT apresentar um elevado número de IJ, não significa obrigatoriamente que tenha um valor de TNJ muito elevado, visto que, o valor de TNJ tem mais afinidade com as características das IJ, e estamos a referir-nos concretamente à morosidade de cada uma delas, que por sua vez, está relacionada com tipo de IJ, do que com o número de IJ observadas nesse PT.

Para nos confirmar a ideia anterior, temos o caso do PT1 que apesar de ser o período com maior número de IJ com 16,5% (tabela 17), é o que apresenta um TNJ

inferior a todos os PT (exceptuando os DT) com 14,8%, querendo isto significar, que apesar de existir um maior número de faltas no 1º quarto de hora, ele apresenta o menor TNJ, devido ao facto de as interrupções existentes nele existentes serem menos morosas. Na situação inversa encontra-se precisamente o PT6 que constitui o ultimo PT de 15 minutos do jogo.

Uma das possíveis explicações para esta situação é o facto de no início as equipas apesar de provocarem muitas IJ, se encontrarem com vontade e terem possibilidade de lutarem pela vitória, agiram um modo mais rápidos nos reinícios do jogo, o contrário parece suceder nos últimos 15 minutos de jogo, onde as IJ verificam-se mais demoradas talvez devido ao *anti-jogo* realizado pela equipa que está na situação de vencedor, ou de um resultado que vai ao encontro dos objectivos traçados para esse encontro. Esta explicação, apesar de já ter sido referida na apresentação dos resultados vai ser reforçada mais à frente quando realizarmos a variação da duração das IJ com o resultado.

No estudo do TNJ dos DT realizado isoladamente (tabela 19), verificamos que apesar eles serem um tempo suplementar que é atribuído pelo árbitro principal, neles verifica-se 51% de TNJ o que vem colocar em causa a razão da existência sua existência pela seguinte razão, eles ao terem como função compensar as perdas de tempo ocorridas durante o tempo regulamentar em cada uma das partes, não cumpre a sua função correctamente pois efectivamente apenas é jogado 49% desse tempo, ficando o restante destinados ao TNJ.

Por outro lado, a comprovar que os árbitros decidem a duração do TD de uma forma intuitiva, e arbitrária e por isso nada rigorosa (como já havíamos levantado a questão na revisão da literatura), estão as relações dos TNJ com a duração do DT concedido em cada jogo, como passamos a explicitar. O jogo 4 no qual se observou um maior TNJ, foi o jogo que menores TD teve, ou seja, compensaram-se 58 minutos e 33 segundos de TNJ com apenas 5 minutos e 25 segundos de DT distribuídos pelas duas partes. Outro exemplo concreto que demonstra a “incompetência” compreensível do árbitro para a tomada de decisão relativa à duração dos TD, é o facto de no jogo 3 e no jogo 2 que tiveram aproximadamente um TD de 7 minutos e 40 segundos, num existiram 57 minutos e 26 segundos de TNJ enquanto que noutra, existiram pouco mais de 45 minutos (quadro 6 e tabela 19) .

Estes dois exemplos põem em evidencia não só a “incompetência” do árbitro de campo para tal função, bem como das lacunas e insuficiências que a lei apresenta quanto à matéria. Apenas queremos deixar bem claro que quando qualificamos os árbitros principais de “incompetentes”, fazemo-lo a pensar no grau de dificuldade complexidade da decisão que ele tem de tomar, e não na falta de capacidades mentais para o fazer.

2.4. QUANTO ÀS ZONAS DE CAMPO

No que respeita à distribuição das IJ pelas ZC que é apresentada através da tabela 30, verificamos que esta questão é extremamente complexa derivado à conjugação de diversos factores tais como:

- a incidência dos diferentes tipos SJ registadas em cada ZC;
- a existência de SJ que apenas se podem registar em determinadas ZC devido ao pré-estabelecido nas regras de jogo (Ex: os PB realizam-se sempre em Z2, os PC que se realizam em Z7 ou Z9);
- a variação do resultado;
- as características próprias de cada equipa ou até mesmo jogadores;
- a variação de critérios do árbitro.

Apesar da complexidade que a caracterização das IJ pelas ZC apresenta, podemos explicar a razão da Z2 é zona onde se verifica a maior taxa do TNJ com 16,8% devido à contribuição dos PB que são aí marcados, segue-se Z6 e Z4 que ocupam as segunda e terceira posições respectivamente devido à conjugação de um elevado número de F registadas na ZM da qual fazem parte, e da existência de um também elevado número de LL nessas ZC. Outro factor que contribui de uma forma muito importante para Z6 ocupar o segundo lugar quanto ao valor de TNJ, é o facto das substituições de verificarem nessa zona de campo.

A ZC com menor TNJ verifica-se em Z8 com apenas 2,2% podendo este valor ser explicado por duas razões:

- é uma zona próxima da baliza o que leva a que os jogadores não cometam muitas faltas de jogo nesse local pois podem verificar-se fatais.
- O volume de jogo jogado na zona defensiva da qual faz parte, é de apenas 24,8% o que diminui as probabilidades de se verificarem aí IJ;

No seguimento da ultima razão justificativa de tão baixa frequência de TNJ em Z3 vamos comprovar através da relação que se estabelece entre o volume de jogo nas ZD, ZM e ZA influí na frequência das IJ nessas zonas. Na revisão bibliográfica mostramos tabela Y que o volume de jogo da ZD era de 14,3%, na ZM 60,9% e na ZA de 24,8%, para agora podermos verificar que um dos argumentos que leva à existência de 47,7% do TNJ nas ZM, é o elevado volume de jogo aí verificado. O mesmo já não podemos fazer em relação às ZD e ZA, uma vez que estas zonas se confundem dependendo da equipa que tem a responsabilidade de reiniciar o jogo.

Outro aspecto curioso é o facto das zonas do corredor central à excepção de Z2 como já justificamos anteriormente, são as zonas que menores valores apresentam dentro da ZM e da ZA, facto este que é explicado nestas zonas não se poderem verificar LL.

Analisando os valores relativos do TNJ nas 9 zonas de campo verificamos que há uma distribuição bastante heterogénea, como comprovam as distâncias entre os valores mais elevados das Z6 (20,4%), Z4 (16,8%) e os valores mais baixos das Z8 (2,2%) e Z1 (6,4%).

Para terminarmos a análise à distribuição das IJ nas ZC, verificamos que os valores dos TM das IJ nas ZC também eles heterogéneos, sendo as verificando-se que:

- As ZA demoram mais tempo a reiniciar o jogo com especial destaque para Z8 com 52,7 segundos;
- As ZM apresenta valores ligeiramente superiores a ZD;

A razão que encontramos para estes valores nas ZA estão relacionados com o facto de estarmos em presença de zonas de decisão, nas quais os jogos se decidem, onde as situações são preparadas e treinadas pela defesa através da formação da barreira, e da parte dos atacantes, para tal é necessário tempo para os jogadores

colocarem-se nessas posições previamente definidas. O TM das IJ verificadas em Z8 (52,7 segundos) reforça precisamente o que acabamos de justificar.

2.5. QUANTO AO RESULTADO

Tal como havíamos já reflectido na revisão bibliográfica, apesar de qualquer conhecedor da modalidade de futebol, saber que, quando as equipas estão em situação de vitória, aproveitam as IJ para *queimar tempo*, e que na situação inversa, as equipas que se encontram em situação de derrota são mais rápidas a reiniciar o jogo após uma IJ, não podiam provar que essa situação era real.

No que diz respeito a este item, verificamos não existirem margem de manobra, para qualquer tipo de dúvida que possa existir quanto à variação da duração das IJ nas diferentes situações de resultados (vitória, empate e derrota). Os resultados obtidos nas SJP nas tabelas 22, 25, 26 e 28 são extremamente claros ao pode de provarem que os jogadores de uma forma consciente prolongam as IJ quando a sua equipa está a atingir os objectivos a que se propõe.

Nas IJ F verifica-se que quando as equipas estão em situação de vantagem no marcador, demoram aproximadamente mais 10 segundos do que as equipas que estão na situação de derrota, e mais 9 segundos relativamente à situação de empate. Nas situações de LL, PB, e PC resistam-se resultados com a mesma lógica, 6, 12, e 14 segundos a mais na situação de vitória relativamente à derrota. Esta diferença de comportamentos por parte das equipas, é em parte, da responsabilidade do árbitro que não faz cumprir a lei, mas também dos organismos responsáveis pela regulamentação do jogo, que nada ou quase nada fazem para alterar este estado de situações.

Pensamos que o uso deste anti-jogo será sempre possível com actual quadro de leis que regulam o jogo uma vez que este tipo estas situações de anti-jogo não estão devidamente regulamentadas, não existem critérios precisos nas leis que levem o árbitro da partida a punir estas perdas de tempo propositadas pelos jogadores. Nesta matéria, podemos afirmar que as leis de jogo em vez de ajudarem o árbitro a ajuizar as SJ – tarefa que intrinsecamente já é complexa – ainda dificulta mais ao atribuir-lhe a função de decidir comportamentos que não estão previstos na lei, ou que não estão rigorosamente explícitos.

Pensamos que com estes valores constatamos, que o anti-jogo através da manipulação do tempo, é uma realidade no futebol, desvirtuando a verdade desportiva e contribuindo de uma forma decisiva para a diminuição da dinâmica do jogo, visto que, diminui o TUJ e em ultima análise, prejudicam a qualidade do espectáculo.